

# CAMINHAR NA CIDADE DO CAPITALOCENO

## Cartografando uma praça de Belo Horizonte

*WALKING IN CAPITALOCENO CITY*  
*Cartographing a square in Belo Horizonte*

**Vitor Giulianetti Barros<sup>1</sup> e Evandro Fiorin<sup>2</sup>**

### Resumo

A pesquisa investiga a Praça Raul Soares, no centro de Belo Horizonte, como um território marcado por práticas urbanas, tensões e disputas espaciais. Concebida no início do século XX dentro do projeto moderno da nova capital mineira, a praça passou por transformações que redefiniram seus significados e usos. Fundamentada nas metodologias do caminhar e da cartografia, a investigação compreende o caminhar, parar e cartografar como práticas capazes de revelar dinâmicas cotidianas frequentemente invisibilizadas pela lógica da cidade capitalista. Pela observação sensível dos usos ordinários da praça, como travessias, corridas, pausas e a permanência de pessoas em situação de rua; a pesquisa constrói uma cartografia das relações entre os corpos e o território. Os resultados indicam que a praça constitui um espaço em constante reinvenção, onde algumas apropriações planejadas e não planejadas coexistem e tensionam a produção hegemônica da cidade, configurando um lugar de encontro, confronto e produção de alteridades.

Palavras-chave: caminhada; cartografia; alteridade.

### Abstract

*The research investigates Raul Soares Square, in downtown Belo Horizonte, as a territory shaped by urban practices, tensions, and spatial disputes. Conceived in the early twentieth century within the modern project of Minas Gerais' new capital, the square underwent transformations that redefined its meanings and uses. Grounded in walking practices and cartographic methodologies, the study understands walking, stopping, and mapping as practices capable of revealing everyday dynamics often rendered invisible by the dominant logic of the capitalist city. Through the sensitive observation of the ordinary uses of the square, such as crossings, running, pauses, and the permanence of people experiencing homelessness, the research develops a cartography of the relationships between bodies and territory. The findings suggest that the square constitutes a space in constant reinvention, where planned and unplanned appropriations coexist and challenge hegemonic forms of urban production. More than a fixed element within the urban landscape, the square emerges as a site of encounter, confrontation, and the production of alterity.*

*Keywords: walkscape; cartography; alterity.*

### Introdução

Situada no centro da cidade de Belo Horizonte, a Praça Raul Soares é um lugar onde múltiplas práticas urbanas se sobrepõem e se confrontam no espaço público. Desde o início do século XX, a data de sua inauguração é marcada por estigmas e algumas dualidades. Foi concebida como um espaço de circulação, mas, também, de parada. Planejada como parte da paisagem eclética da nova capital, alinhada ao imaginário de modernidade com o qual a cidade foi construída. Ao longo das décadas seguintes, as transformações urbano-espaciais marcaram o seu entorno, desde a verticalização, até o estigma associado ao Conjunto Governador Kubitschek, moldando um complexo campo de relações entre os corpos e o território.

A pesquisa se insere nesse contexto fundamentada em algumas metodologias da prática do caminhar e no método da cartografia. Ao compreender o caminhar e parar como uma tática para subverter a lógica da cidade capitalista baseada no rodoviarismo e o habitar existencial como uma imersão sensível capaz de compreender mais de perto as dinâmicas do espaço, a investigação visa revelar as práticas cotidianas e insurgentes que configuram a praça. Caminhar e parar, observar e ser afetado, permitem registrar a multiplicidade presente nos usos corriqueiros e os mais ordinários: a travessia, a corrida, as pausas e a morada daqueles que vivem em situação de rua. Nesse sentido, nossa cartografia da praça se torna uma maneira de fazer-ver algumas das ações de seus usuários, permitindo outras leituras do lugar, desde o ponto de vista do caminhante, até olho da câmera no sobrevoo de drone, talvez capazes de melhor entendimento desse território urbano.

Ao acompanhar as singularidades dos corpos em produzir espaços, a pesquisa indica essa praça, no coração da capital mineira, como um território em disputa, onde as apropriações planejadas e não planejadas coexistem e tensionam a produção hegemônica da cidade capitalista. A Praça Raul Soares se revela como um espaço em constante reinvenção, mais do que um elemento da paisagem fixa da cidade, oportuniza o confronto e o encontro entre as alteridades.

### As Práticas do Caminhar na Cidade do Capitaloceno

Uma praça do início do século XX, construída em estilo eclético carrega consigo como uma marca do tempo, o hábito social de passear a pé, do inglês, *to go on foot*; um caminhar despretenso pelas ruas, praças e calçadas. (Robba; Macedo, 2003, p. 53). De tal sorte, na prática do caminhar encontramos um modo de vivenciar esse tipo de espaço público tão característico da maioria das nossas cidades. No entanto, essa apropriação assume aqui uma dimensão política sob a ótica do Capitaloceno. A metrópole é sempre moldada para a velocidade e produtividade, com suas vias e artérias de fluxos intensos e funcionais. Logo, a prática do caminhar nos dias de hoje é, justamente, ir contra a lógica desse sistema. Uma força que emerge como recusa ao urbanismo rodoviarista e utilitário.

Ao caminhar conhecemos e compreendemos o lugar; ao parar, registramos e entendemos o percurso realizado (Careri, 2017). Parar de caminhar, portanto, pode ser lido aqui como uma espécie de “caminhar sem sair do lugar” (Fiorin, 2024, p. 242). O ato de parar provoca um desvio na engrenagem da cidade capitalista. Enquanto a lógica produtivista demanda pelo movimento ininterrupto, a pausa deliberada é a subversão dessa função urbana. O corpo que pára reclama para si o uso do espaço, em contraste com o seu valor de troca - sempre espetacularizado. A desaceleração possibilita novas rupturas nos modos de percepção, menos automáticos, em contraponto àqueles que nos foram sendo impostos pela frenética marcha mercantilista, demarcada no início do

1 Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UNESP, 2024) e Arquiteto e Urbanista pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo (UFSJ, 2022).

2 Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP, 2009), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo (USP, 2003) e Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (UNESP, 1998).



processo da debacle mental nas cidades oitocentistas.

Nesse sentido, a prática do caminhar e parar buscou ser recorrente, como maneira de criar uma maior aproximação com a praça que nos propusemos a estudar, sobretudo, as suas práticas cotidianas, mas, também, as irsurgentes. Nesse contexto, a caminhografia (Rocha; Santos, 2023) surge como um dos pontos de partida para este trabalho. Sendo assim, nos deixamos afetar pelas situações mais ordinárias presentes no dia a dia e registramos o cotidiano, mas, sobretudo, aquilo que transgride a função planejada do espaço urbano da cidade do Capitaloceno. Além dos elementos físicos, nos ocupamos de relatar algumas das impressões durante o caminho e as paradas, na busca por uma linguagem que seja muito própria daquele que caminha. Buscamos criar atalhos para uma leitura singular da cidade estriada, como já fora descrito na metodologia da prática do caminhar (Rodrigues; Fiorin, 2023, p. 164). Isso significa que, incrementamos as nossas análises aqui, somando leituras encarnadas da permanência no espaço, às perspectivas aéreas proporcionadas pelo sobrevoo de drone.

Essa estratégia assume contornos peculiares, porque olhar de cima é diferente de estar embaixoquando pensamos nos novos nômades urbanos. E aqui, não estamos tratando dos artistas caminhantes, mas, daquelas populações que não tem onde se encaixar no contexto da cidade do capital. Isto porque, para além do uso institucionalizado, a praça que vamos estudar, no centro da cidade de Belo Horizonte, é predominantemente habitada por pessoas em situação de rua. Subjetividades subalternas que tem como sua única regra: perambular pelas ruas e parar nas praças, como os últimos refúgios que não foram tragados pelas dinâmicas excludentes do nosso sistema capitalista.

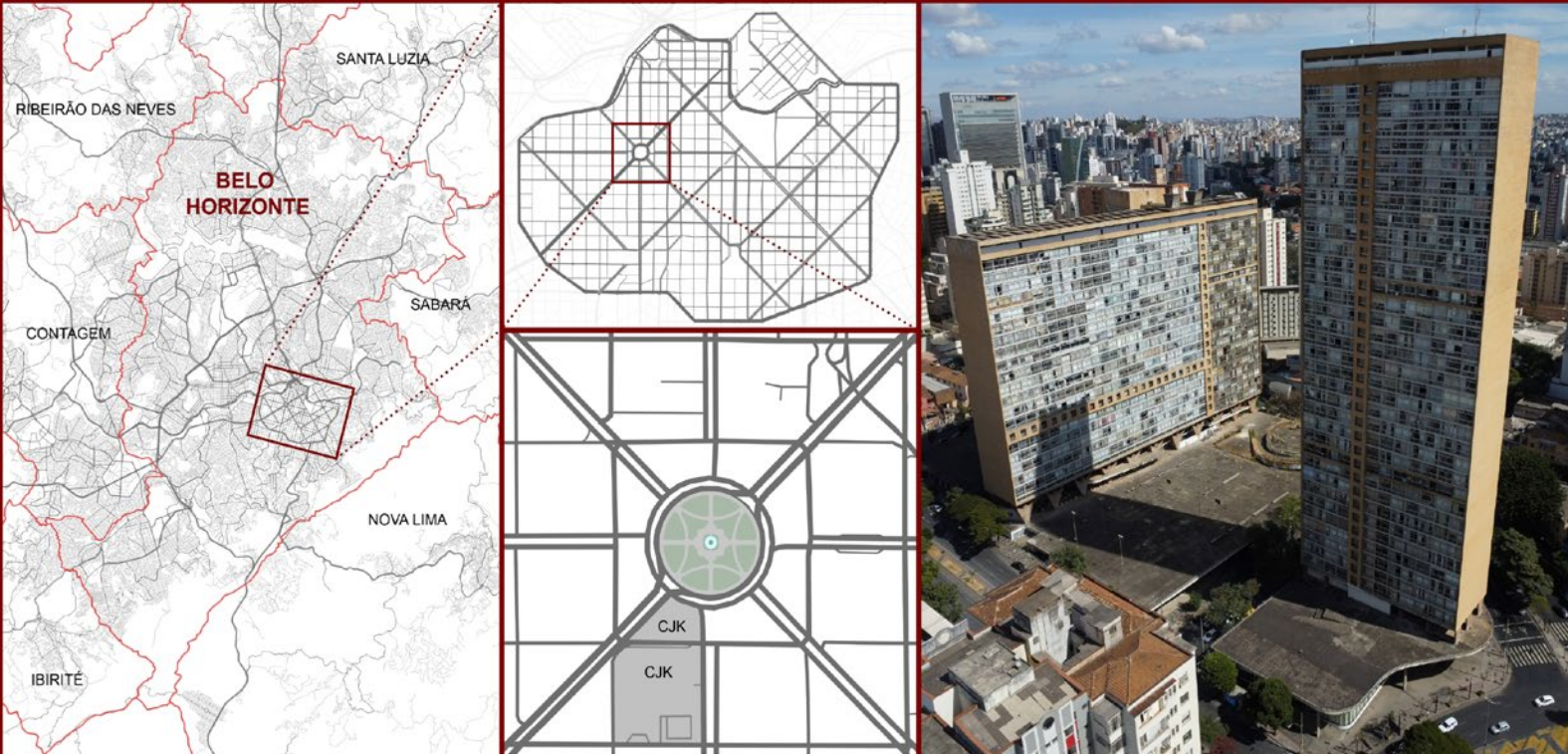
Vivendo na praça, pessoas em situação de rua habitam os seus interstícios produzidos pela própria urbanização atual, apropriando-se de restos, resíduos e espaços sem destinação. Sua presença evidencia as contradições do Capitaloceno urbano, ao mesmo tempo em que produz encontros, confrontos e choques entre alteridades no espaço público.

### A Praça Raul Soares em Belo Horizonte

Atualmente a cidade de Belo Horizonte possui cerca de 2,3 milhões de habitantes, mas, inicialmente, foi uma cidade concebida para 200 mil pessoas. Belo Horizonte destaca-se como a primeira grande cidade planejada do período republicano brasileiro, construída para ser a nova capital do estado de Minas Gerais, quando a antiga capital ainda era Ouro Preto (Barreto, 1996). O projeto para a cidade se limitava pela Avenida do Contorno, hoje região central de cidade, que se expandiu muito além do planejado por Aarão Reis.

Situada no encontro de quatro avenidas que cortam a cidade: Amazonas, Bias Fortes, Olegário Maciel e Augusto de Lima, a Praça Raul Soares foi prevista desde o plano inicial para a capital mineira. Inicialmente recebia o nome de 14 de Setembro, definido pelo engenheiro-chefe Aarão Reis em ofício de número 26 (Barreto, 1996, p. 253). Em 1924, tem nome alterado pela Lei Municipal nº 281, em razão da morte do então presidente de Minas Gerais, Raul Soares, em 03 de outubro (IEPHA, 2014, p. 1).

Figura 1 – Vista aérea da Praça Raul Soares. Fonte: dos autores, 2024.



Apesar de estar nos planos iniciais, sua construção tem início apenas em 1929, essa demora se comparado com a construção inicial da cidade, em 1894, é devido ao modo de expansão da capital. Sua obra se prolonga até 1936, quando é inaugurada no dia 3 de setembro, durante a realização do II Congresso Eucarístico Nacional realizado no local. Primeiramente foram feitas as movimentações de terra e abertura de vias, enquanto as construções acompanhavam a necessidade de cada região, ou seja, à medida que a população crescia a infraestrutura se expandia. (Barreto, 1996).

Com projeto de Érico de Paula, a praça se inspira nos jardins europeus com desenhos de piso inspirados nas artes dos povos indígenas marajoaras, feito em pedra portuguesa (IEPHA, 2014, p. 3). Essa reunião de referências pode ser entendida como uma “subordinação cultural”, segundo Kern (1984, p. 158), essa mistura entre as influências europeias com simbolismos brasileiros foi comum entre modernistas na década de 1920.

Única praça circular no projeto de Aarão Reis, é uma praça eclética, marcada pelo hábito de passear, padrão que se instalou no Brasil por volta da segunda metade do século XIX (Robba; Macedo, 2003, p. 53). Tal estilo é marcado pela tríade clássica, caminhos em cruz que conduzem a um ponto focal, com a presença de um elemento central (fonte) e um passeio perimetral externo (Ibid., p. 56) (Fig. 1).

A partir da década de 1940, seu entorno começa a verticalizar. E durante o mandato de Juscelino Kubitschek (JK) como governador, a praça ganha um novo empreendimento, importante para sua história, o Conjunto Governador Kubitschek, projetado por Oscar Niemeyer, comumente chamado de Conjunto Juscelino Kubitschek (CJK), com início das obras em 1953, que só se concluiu no início da década de 1970 (Pimentel, 1989) (Fig. 2).

O projeto de Niemeyer era a própria modernidade a ser instalada no centro da cidade, e ter ali um apartamento era desejo de boa parte dos moradores que perseguiram hábitos de vida mais modernos, condizentes com o novo tempo que se anunciava (Pimentel, 1989, p. 128-129).

O CJK, inicialmente um símbolo da própria modernidade, viu com o tempo seu imaginário perante a população ruir. Surgiu como uma marca moderna, novamente, fruto da parceria entre JK e Niemeyer e, se tornou uma imagem do abandono, que

impactou negativamente todo seu entorno, um estigma que carrega até os dias atuais. “O ‘CJK’ é exemplo vivo da crise da modernidade. Sua aparência em ruínas [...] denunciam um desejo, mais que uma realidade” (Pimentel, 1989, p. 176).

Desde sua construção a praça não perdeu suas principais características. O processo de tombamento dela se iniciou em 1981 e foi concluído em 1988, com bases fundamentadas na Carta de Florença, com proteção dos jardins históricos (IEPHA, 2014, p. 4). O panorama atual da praça se deve a uma revitalização, feita em 2007, pelo programa Centro Vivo, que reformou os seus elementos degradados com certas melhorias no espaço para os pedestres, com foco na recuperação do piso, iluminação e reforma da fonte luminosa (PBH, 2007; Júnior, Araújo, 2015, 192-193).

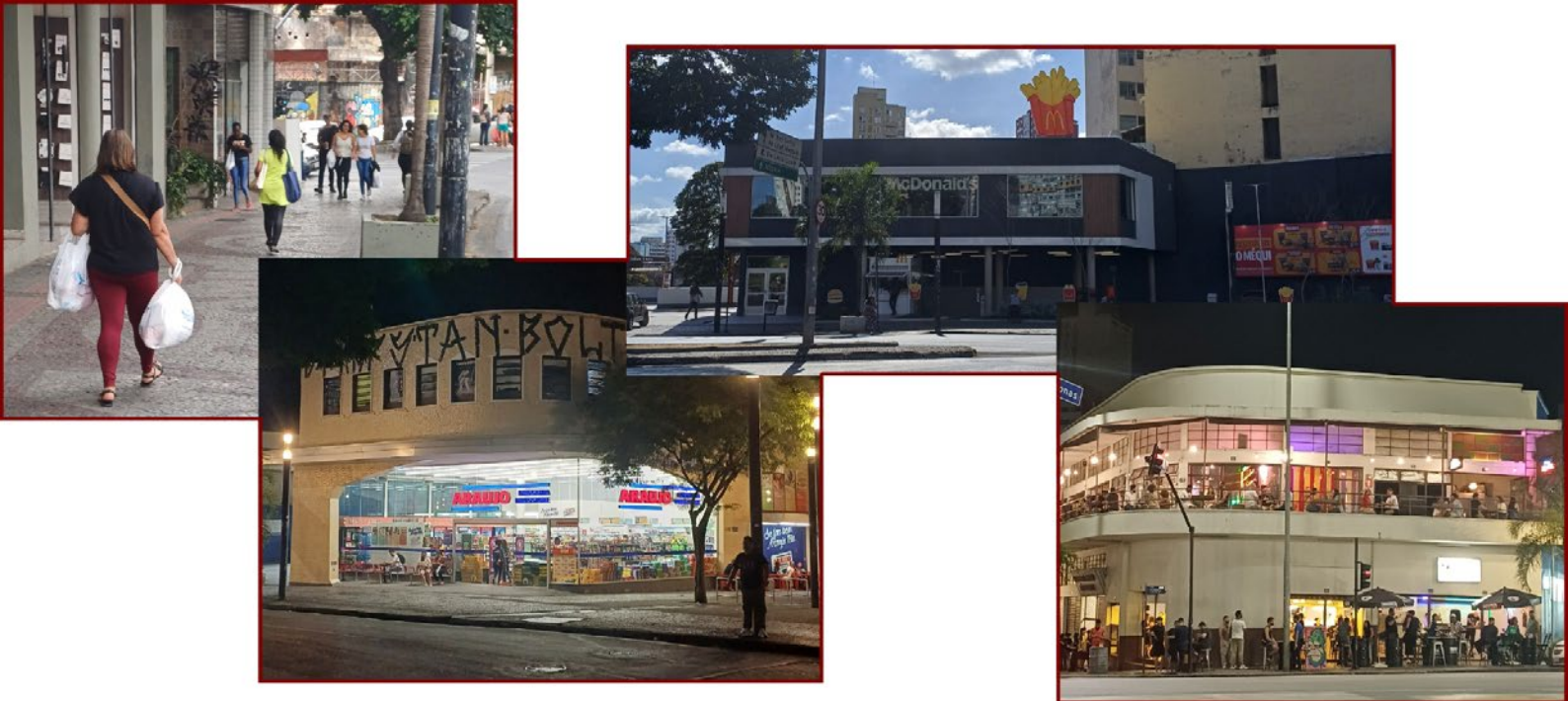
## Cartografando a Praça Raul Soares em Belo Horizonte

De acordo com uma das pistas do método da cartografia: “cartografar é habitar um território existencial” (Alvarez; Passos, 2009). Uma investigação que preconiza habitar a Praça Raul Soares, tem como cerne, justamente, buscar fazer parte dela, permanecendo em seu lócus para assim compreender suas práticas cotidianas e insurgentes. Buscamos construir uma cartografia que pudesse experienciar o maior número de relações possíveis para, assim, acompanhar algumas das suas dinâmicas.

Nesse sentido, o caminhar e parar pela Praça Raul Soares ocorreu entre março de 2024 e janeiro de 2025, compreendendo um protocolo metodológico de 19 saídas a campo. As observações foram distribuídas estrategicamente entre dias úteis (períodos de maior fluxo), e alguns finais de semana (períodos de maior desaceleração e apropriação de lazer). A caminhografia proposta por Rocha e Santos (2023; 2024) foi nosso ponto de partida. No entanto, os procedimentos para a produção de dados foram sempre tensionados por meio da metodologia da prática do caminhar, proposta por Rodrigues e Fiorin (2023), em duas escalas perceptivas: no nível do pedestre, registrada em diários de campo polissensoriais e fotografias; e no sobrevoo totalizante da praça por drone. A sistematização das informações baseou-se, portanto, no que chamamos aqui de uma cartografia de mão dupla: àquela que se faz por terra, caminhando e parando (uma prática encarnada) e outra, sobrevoando-a, pilotando o drone no solo da praça.

O primeiro contato que temos com a praça é, na verdade, com seu entorno e seu passeio perimetral. Nessa primeira volta pela calçada, temos, separados pelos anéis viários, um lado externo, onde toda uma cidade acontece, e um lado interno, onde a praça se desenrola. Enquanto os veículos circundam a praça, em seu entorno imediato, há um fluxo próprio de pessoas e práticas que se desenvolvem influenciados pela presença de diversos estabelecimentos comerciais. Nesse contexto, bares e restaurantes são mais frequentes, mas também há hotéis, lojas e, nos últimos anos, a presença de uma rede de farmácias e de um estabelecimento de fast food com funcionamento 24 horas. Nesse espaço, as pessoas que não estão vinculadas a algum comércio encontram-se, em sua maioria, em movimento, muitas vezes carregando sacolas ou realizando seus trajetos diários de trabalho (Fig. 3).

Ao voltar nossa atenção para a praça, os jardins são os primeiros elementos que se revelam. Os irrigadores ligados, as flores vermelhas e amarelas sobre a grama verde e os trabalhadores da prefeitura responsáveis pela manutenção da vegetação compõem uma paisagem que contrasta com os edifícios ao fundo e com os grafites realizados pelo CURA (Circuito Urbano de Arte). No passeio perimetral, alguns praticantes do espaço se fazem mais presentes, como os transeuntes e os tutores com seus cachorros, que caminham pela borda da praça com um pouco mais de tempo, ou a utilizam como espaço de transição em seus deslocamentos cotidianos.



A cada passo nosso dado pela praça, diferentes praticantes surgem e se fazem presentes. Cada um habita o espaço à sua maneira, produzindo formas singulares de apropriação e reconfigurando, ainda que momentaneamente, o território ao seu redor. À medida que suas práticas se concretizam, revelam usos diversos do espaço urbano e constituem territorialidades próprias, transformando uma rotatória em um espaço múltiplo, vivido e continuamente produzido pelos corpos que a atravessam e a habitam.

Devido à sua conformação de rotatória, a praça absorve o caráter de passagem conferido pela confluência das quatro avenidas que orientam parte dos fluxos cotidianos da cidade. Essa característica é marcada pelos transeuntes, que a atravessam com passos precisos, guiados inicialmente pelos semáforos para adentrar e deixar a praça e, posteriormente, pelos caminhos desenhados em seu interior. Raramente interrompem o movimento. Ainda assim, as suas práticas, mesmo breves, corporificam-se no espaço, produzindo marcas, memórias e significados que participam continuamente da construção do lugar.

Embora a travessia rápida e eficiente pareça orientar grande parte desses deslocamentos, alguns usos tensionam essa dinâmica. Há visitantes que se aproximam da fonte, observam o lugar, param, conversam e registram fotografias para guardar uma lembrança de sua passagem. Há também crianças que exploram o espaço em outro ritmo e outro tempo, guiadas por uma imaginação que se encanta com pequenos detalhes e descobertas. Para os transeuntes, o tempo parece passar mais rapidamente. Ainda que a praça não seja, para muitos, um lugar de permanência, ela se torna, de alguma maneira, cada vez mais familiar, construída por percepções fragmentadas, mas renovadas a cada travessia cotidiana.

Os transeuntes não são os únicos praticantes da praça. Os corredores e caminhantes, diferentemente dos primeiros, realizam uma apropriação distinta do espaço. Enquanto os transeuntes marcam uma travessia funcional, esses usuários transformam a praça em seu próprio destino, utilizando preferencialmente o passeio perimetral e convertendo-o em uma espécie de pista de cooper. Imprimem uma coreografia no espaço, marcada pela repetição dos gestos e dos passos, em uma velocidade e corporalidade que lhes são específicas e que são moldadas pela prática da atividade física. Aqui, o percurso assume centralidade, reforçando a estrutura cíclica da praça e transformando-a em um território dinâmico, pautado pelo tempo das voltas e pelo ritmo da respiração.



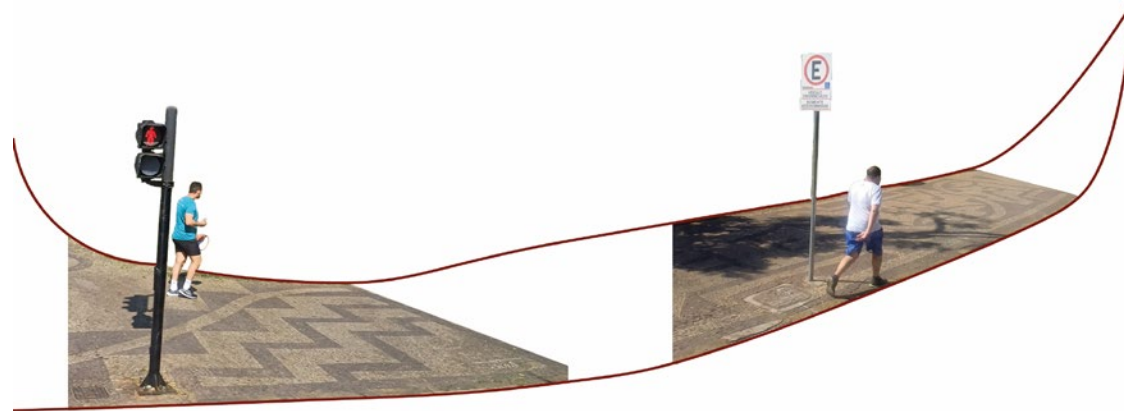
Figura 4 – Transeuntes. Fonte: dos autores, 2024.

Ao fazer da praça um destino, esses praticantes revelam modos distintos de habitar e atribuir significado ao lugar. Trata-se de uma prática cotidiana, mais frequente durante as manhãs e nos finais de semana, que produz uma certa coletividade por meio da repetição de movimentos e da coexistência dos corpos no espaço. O percurso já existia, contudo é pela corporalidade desses praticantes, por meio da repetição dos gestos e da velocidade dos deslocamentos, que ele ganha novos sentidos e se torna mais evidente para quem observa os rastros deixados ao longo do caminho.

Mesmo permanecendo nos limites estabelecidos pelos percursos planejados, há um contraste significativo em relação àqueles que realizam apenas uma passagem fugaz pela praça. Para quem pratica caminhada ou corrida, o lugar onde a atividade se realiza importa. A Praça Raul Soares foi escolhida por essas pessoas como lugar de suas práticas cotidianas e, por isso, adquire relevância em suas rotinas, tornando-se mais do que um espaço de circulação: um território de uso recorrente, reconhecimento e pertencimento (Fig. 4 e 5).

Entretanto, os tutores que passeiam com seus cachorros operam uma pequena subversão da ordem geométrica do espaço. Ao acessarem os jardins com seus animais de estimação, transformam um espaço destinado principalmente à contemplação visual em um lugar de lazer, exploração e, por vezes, de passagem. A transgressão do limite entre a pedra portuguesa e a grama ocorre, muitas vezes, menos pela vontade dos tutores do que pela curiosidade dos próprios animais, que não reconhecem a diferenciação entre os pisos como uma fronteira a ser respeitada.

Nesse momento, os tutores deixam-se conduzir pelos percursos traçados pelos cães, acompanhando seus desvios e explorações. Para esses animais, a grama apresenta-se como um caminho tão legítimo quanto qualquer outro, uma superfície aberta à ocupação e à descoberta. O traçado dos caminhos planejados perde sua centralidade, assim como as intenções projetuais que procuram orientar os usos do espaço público. Seus movimentos revelam outras possibilidades de apropriação da praça, indiferentes às hierarquias estabelecidas entre circulação e permanência, entre o permitido e o não previsto. Ao atravessarem os jardins, os cães produzem percursos que escapam à lógica ordenadora do projeto, evidenciando que o espaço é continuamente reinventado pelas práticas daqueles que o habitam (Fig. 6).



Entre os diversos modos de habitar a praça, há aqueles para os quais a permanência não é temporária. Pessoas em situação de rua transformam esse espaço público em local de moradia, estabelecendo uma relação cotidiana e contínua com o território. Sua presença evidencia algumas das contradições da urbanização contemporânea, marcada pela concentração de riqueza, pela precarização das condições de vida e pela produção contínua de sujeitos excluídos dos circuitos formais de habitação e consumo. Em um contexto que pode ser compreendido a partir do Capitaloceno, a praça torna-se uma das brechas disponíveis para aqueles que foram progressivamente deslocados dos espaços privados da cidade.

Para que a praça se transforme em casa, são necessárias adaptações constantes, realizadas a partir dos elementos disponíveis no próprio espaço. Nesse processo, os arbustos que margeiam os jardins assumem diferentes funções. Além de oferecerem sombra, tornam-se suportes para a construção de abrigos improvisados quando uma cobertura é estendida entre suas ramificações. Em outros momentos, funcionam como varais para secagem de roupas ou como locais para guardar pequenos pertences entre os galhos. Os elementos da paisagem são continuamente ressignificados de acordo com as necessidades daqueles que habitam a praça, revelando formas criativas de apropriação e sobrevivência diante de condições materiais adversas (Fig. 7).

A região central da praça também desempenha um papel importante nessas territorialidades. As árvores oferecem proteção para a guarda de pertences e permitem a realização de atividades cotidianas ligadas à reprodução da vida. O mesmo espaço alterna funções ao longo do dia, transformando-se em cozinha, sala de convivência ou dormitório conforme as necessidades de seus habitantes. A fonte, elemento central da composição da praça, integra igualmente essas práticas. É nela que algumas pessoas realizam parte de sua higiene pessoal, lavam roupas ou tomam banho. Embora tais atividades ocorram sob o olhar público, a fonte oferece condições mínimas para a realização de necessidades fundamentais que deveriam ser garantidas por outras infraestruturas urbanas.

Essas apropriações revelam não apenas diferentes formas de habitar a cidade, mas também as desigualdades produzidas pela própria urbanização capitalista. Na mesma praça convivem aqueles que a utilizam para atravessar, descansar, contemplar ou praticar atividades físicas e aqueles que dependem dela para garantir sua sobrevivência cotidiana. A Praça Raul Soares torna-se, assim, um território onde se materializam as tensões do Capitaloceno urbano: de um lado, os fluxos acelerados da circulação, do

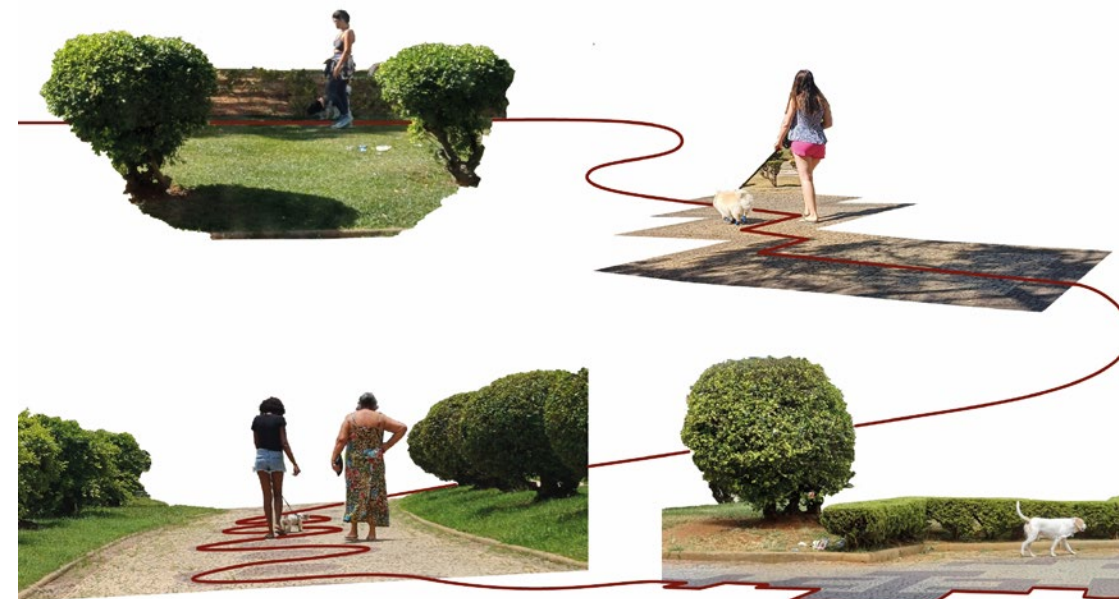


Figura 6 – Tutoriais. Fonte: dos autores, 2024.

consumo e da valorização da cidade; de outro, sujeitos que habitam suas margens e reinventam, a partir dos resíduos e brechas disponíveis, formas possíveis de existência.

A permanência e a construção cotidiana do espaço promovida por essa população expõem de forma visceral as contradições do Capitaloceno na escala local. Como bem adverte o debate crítico contemporâneo sobre a crise socioambiental urbana, a cidade é a base material onde as assimetrias do capital se tornam forma. Essas subjetividades subalternas não apenas ocupam a praça, elas foram dragadas por um sistema econômico excludente e passam a habitar o que sobrou dos espaços públicos da cidade de Belo Horizonte.

Nesse contexto, no sobrevoo do drone, ampliamos o nosso corpo perceptivo. A visão aérea alcançada expande a leitura dos fluxos que atravessam o espaço público, evidenciando a predominância dos deslocamentos em direção ao centro comercial e a concentração dos percursos ao longo do eixo central da praça. Entretanto, a distância conquistada para a observação, também afasta o pesquisador das práticas encarnadas, apreendidas ao nível do solo por meio da caminhada e da permanência no lugar (Fig. 8).

Nesse sentido, a visão de pássaro permite identificar padrões de circulação e organização espacial, mas pouco revela sobre as experiências cotidianas e os usos produzidos pelos praticantes ordinários da cidade e subjetividades subalternas. Diferentemente do movimento descrito por Certeau (1998, p. 171), que abandona a perspectiva totalizante do alto do arranha-céu para reencontrar a cidade vivida pelos seus usuários, a câmera do drone tende sempre a reforçar a leitura dos fluxos e das estruturas que organizam o espaço da cidade do Capitaloceno.

Ainda assim, as imagens aéreas permitem observar como os percursos se concentram sobre determinados caminhos, tornando-os mais evidentes na paisagem. Alguns desvios pelos jardins escapam à lógica predominante da circulação, enquanto outras pessoas permanecem sentadas, descansando nos poucos bancos existentes ou ocupando os próprios jardins. Em conjunto, essas práticas evidenciam a praça predominantemente como um espaço de passagem, mas, também, revelam as tensões produzidas por aqueles que a utilizam como espaço de permanência e habitação cotidiana.

No fim da tarde, quando o sol começa a se pôr, os usos da praça não diferem significativamente daqueles observados ao longo do dia, mas a frequência de

Figura 7 – Pessoas em situação de rua. Fonte: dos autores, 2024.



cada prática se altera. A utilização da praça como espaço de passagem torna-se menos intensa, enquanto outras formas de apropriação ganham novos praticantes, impulsionadas pelo encerramento da jornada de trabalho e pela chegada da noite. Mais pessoas passeiam com seus cachorros, realizam caminhadas ou ocupam os bancos para descansar antes de retornarem para casa. As pessoas em situação de rua também seguem suas rotinas, mas, nesse período, seus ritmos se transformam. Muitos começam a se preparar para a noite que se aproxima, estendendo cobertores, montando abrigos improvisados entre os arbustos e organizando seus pertences em busca de proteção para a madrugada.

Os diferentes gestos e práticas cotidianas observados na Praça Raul Soares: de passagem, descanso, lazer, exercício físico ou moradia; revelam a dinamicidade desse espaço público, onde múltiplos modos de habitar coexistem e se entrelaçam. A cartografia realizada evidencia um território vivo e complexo, que não se apresenta como um lugar fixo ou estático, mas como uma construção contínua produzida pelas relações entre corpos, percursos e experiências. No encontro e, por vezes, no tensionamento entre diferentes práticas existenciais, a praça é constantemente reinventada por aqueles que a habitam (Fig. 9).

Embora seja um importante nó de circulação e distribuição de fluxos na cidade, a Praça Raul Soares não se reduz à condição de rotatória ou de elemento ornamental, tal como foi originalmente concebida. Cada praticante produz sua própria experiência do lugar, atribuindo-lhe significados, memórias e afetos particulares. Mais do que uma infraestrutura urbana, a praça se revela como um espaço de alteridade, onde diferentes formas de viver a cidade tornam-se visíveis e compartilham o mesmo território.

### Considerações finais

A cartografia realizada na Praça Raul Soares permitiu compreender que o espaço público não se resume à sua configuração física ou às intenções que orientaram seu projeto original. Ao acompanhar os percursos, permanências e apropriações cotidianas produzidas pelos diferentes praticantes da praça, tornou-se possível revelar um território continuamente construído pelos corpos que o habitam. Mais do que uma rotatória inserida na malha urbana de Belo Horizonte, a praça se apresenta como um espaço vivo, atravessado por múltiplas temporalidades, usos e formas de existência.



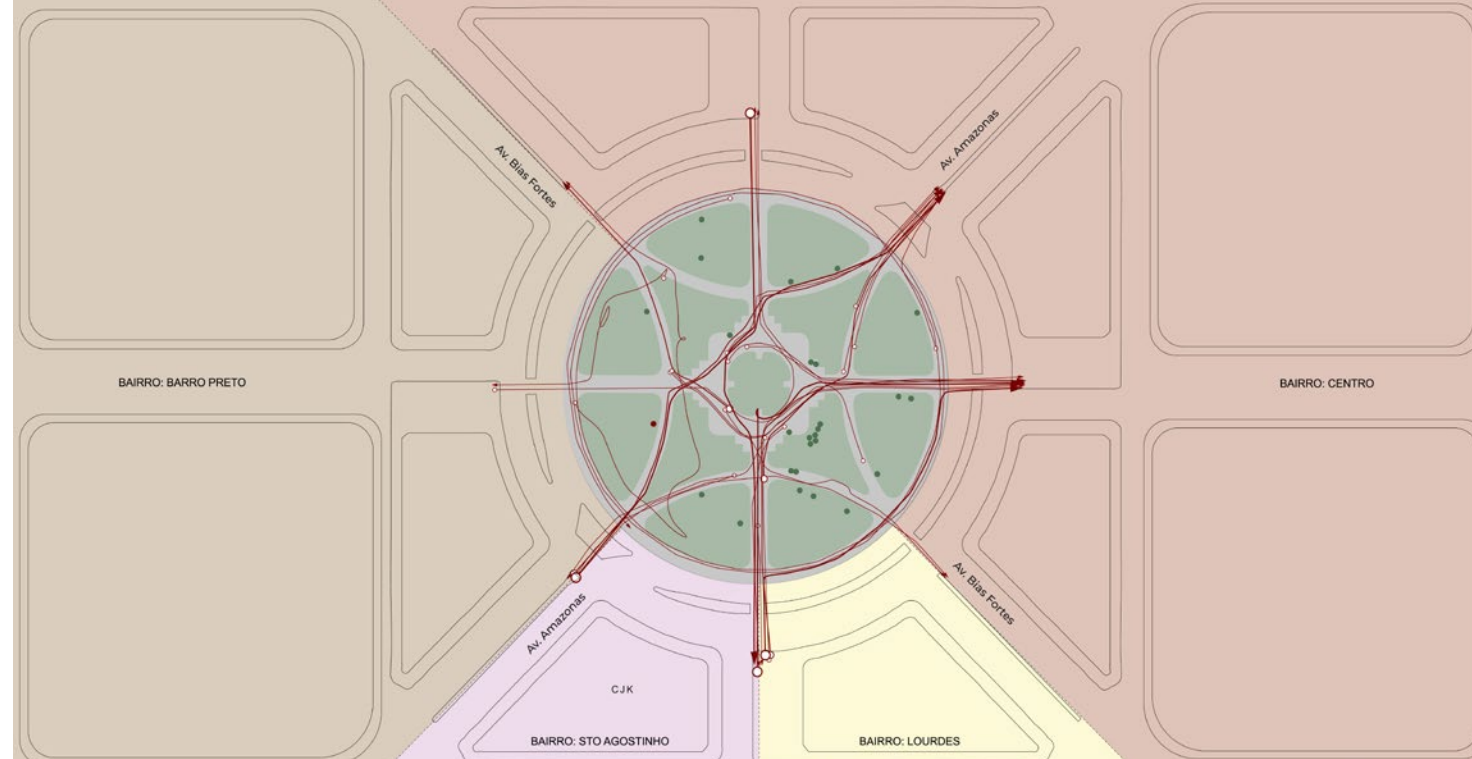
Figura 8 – Vista aérea da Praça Raul Soares. Fonte: dos autores, 2024.

O caminhar mostrou-se fundamental para essa compreensão. Ao percorrer os caminhos da praça, parar em seus bancos, observar seus jardins e compartilhar, ainda que momentaneamente, algumas das práticas ali realizadas, a pesquisa aproximou-se das experiências ordinárias que constituem a vida cotidiana do lugar. A cartografia permitiu acompanhar não apenas os fluxos dominantes de circulação, mas também os pequenos desvios, as pausas, os encontros e as formas de habitar que frequentemente escapam às leituras mais convencionais do espaço urbano. Nesse sentido, caminhar revela-se uma prática capaz de tornar visíveis as territorialidades produzidas pelos usuários da praça, evidenciando que o espaço é constantemente reinventado por aqueles que o praticam.

As imagens aéreas obtidas pelo drone acrescentaram outra camada de compreensão. A visão elevada evidenciou a concentração dos fluxos, os percursos predominantes e a centralidade da praça na organização dos deslocamentos urbanos. Contudo, ao mesmo tempo em que ampliou a percepção das estruturas espaciais, essa perspectiva distanciou a observação das práticas encarnadas que acontecem ao nível do solo. Se a vista aérea permite compreender a lógica dos fluxos, a caminhada possibilita compreender as experiências que lhes dão sentido. A articulação entre ambas revelou não perspectivas opostas, mas complementares: uma evidencia a cidade dos movimentos e das infraestruturas; a outra, a cidade dos corpos, dos afetos e das práticas cotidianas.

Ao longo da pesquisa, observou-se que a Praça Raul Soares é marcada por uma coexistência de usos que nem sempre são harmoniosos. Transeuntes, corredores, caminhantes, tutores de animais, visitantes, trabalhadores em pausa e pessoas em situação de rua compartilham o mesmo território, produzindo espacialidades distintas e, por vezes, conflitantes. Essa multiplicidade faz da praça um espaço de alteridade, onde diferentes modos de habitar a cidade se encontram, se observam e se tensionam. As práticas mais ordinárias revelam a vitalidade do espaço público, enquanto algumas apropriações insurgentes evidenciam a capacidade dos usuários de reinterpretar e reinventar os usos previstos para o lugar.

Sob a perspectiva do Capitaloceno, os fluxos observados pelo drone expressam a cidade organizada pela circulação, pela produtividade e pelo consumo. Já as práticas observadas durante a caminhada e nossas paradas revelam os sujeitos que habitam as margens desses mesmos processos. Em especial, a presença de pessoas em



situação de rua evidencia as contradições da urbanização contemporânea, na qual a produção de riqueza e infraestrutura convive com formas profundas de desigualdade e exclusão. Ao transformar jardins, arbustos, bancos e fontes em elementos de sobrevivência cotidiana, esses habitantes tornam visíveis as brechas produzidas pela cidade capitalista e demonstram a capacidade de produzir território mesmo em condições de extrema vulnerabilidade.

Por fim, esta cartografia indica que a Praça Raul Soares não pode ser compreendida apenas como um elemento da paisagem urbana ou como um dispositivo de organização dos fluxos da cidade. Ela se constitui como um território relacional, produzido continuamente pelas práticas de seus habitantes. Entre trajetórias planejadas e desvios imprevistos, entre circulação e permanência, entre infraestrutura e existência, a praça revela a complexidade da vida urbana contemporânea. Cartografar esse espaço por meio do caminhar e do sobrevoo permitiu compreender que a cidade não é apenas aquilo que se vê do alto ou aquilo que foi projetado, mas, sobretudo, aquilo que emerge das relações cotidianas entre corpos, territórios e seus modos de habitar.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva - história antiga e história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, v. 2, 1996.

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1998

FIORIN, Evandro. Parar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, p. 242, 2024.

IEPHA, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Praça Raul Soares. In: IEPHA, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. *Guia de bens tombados IEPHA/MG*. Belo Horizonte: IEPHA/MG, v. 2, 2014. p. 01-04.

JÚNIOR, Edésio Fernandes; ARAÚJO, Rogério Palhares Zschaber de (org.). *Entre o urbano, o social e o ambiental: a práxis em perspectiva*. Belo Horizonte: Gaia Cultural – Cultura e Meio Ambiente, 2015.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Modernidade e Modernismo. *Estudos IberoAmericanos*, v. 10, n. 2, p. 151–160, 1984. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/30448>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PBH, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. *Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte*. 2007. Disponível em: [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politica-urbana/2018/planejamento-urbano/publicacoes\\_plano\\_reabilita%C3%A7%C3%A3o\\_hipercentro\\_bh.pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/politica-urbana/2018/planejamento-urbano/publicacoes_plano_reabilita%C3%A7%C3%A3o_hipercentro_bh.pdf) Acesso em: 16 jul. 2023.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. *A Torre Kubitschek: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil*. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. *Praças Brasileiras*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *ARQUITEXTOS*, 281.05 cartografia urbana, 24 out. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923> Acesso em: 25 jun 2024.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

RODRIGUES, Laís; FIORIN, Evandro. Uma Metodologia Da Prática Do Caminhar. *Revista Poiésis*, v. 24, n. 41, p. 156-168, 30 jun. 2023.